



UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

**GIULIO ZAMPOLO GONÇALVES
RAMON IGOR GONÇALVES
REBECA SANTOS DA HORA**

ASCENSÃO DA CHINA NA PERSPECTIVA SISTÊMICA DE ACUMULAÇÃO

São Paulo

2021

**GIULIO ZAMPOLO GONÇALVES
RAMON IGOR GONÇALVES
REBECA SANTOS DA HORA**

ASCENSÃO DA CHINA NA PERSPECTIVA SISTÊMICA DE ACUMULAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Relações Internacionais da Universidade São Judas Tadeu, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof^a Dr^a Ana Carolina de Araujo Marson

São Paulo

2021

ASCENSÃO DA CHINA NA PERSPECTIVA SISTÊMICA DE ACUMULAÇÃO

CHINA'S RISE IN THE SYSTEMIC PERSPECTIVE OF ACCUMULATION

Giulio Zampolo Gonçalves

Ramon Igor Gonçalves

Rebeca Santos da Hora

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a ascensão da China no Sistema Internacional e sua possibilidade de alcançar o patamar de nova potência mundial. Tendo por base a corrente do capitalismo histórico, parte-se do pressuposto de que a China pode ultrapassar os Estados Unidos, consolidando-se como a nova potência hegemônica. Baseando-se na teoria dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação (CSA), de Giovanni Arrighi e na perspectiva de longa duração, pode-se afirmar que há evidências da abertura de um novo ciclo, o chinês, visto que a China tem gerado grandes impactos no mercado internacional, além da busca pela sua projeção militar e política, principalmente na região em que se encontra.

Palavras-chave: China, Ciclo Sistêmico de Acumulação, Estados Unidos, Hegemonia.

Abstract: This work aims to analyze the rise of China in the International System and its possibility of reaching the level of a new world power. Based on the current of historical capitalism, it is assumed that China can surpass the United States, consolidating itself as the new hegemonic power. Based on the theory of the Systemic Accumulation Cycle (SAC), by Giovanni Arrighi and the long-term perspective, it can be said that there is evidence of the opening of a new cycle, the Chinese, as China has generated great impacts on the international market, in addition to the search for its military and political projection, mainly in the region in which it is located.

Keywords: China, Systemic Accumulation Cycle, United States., Hegemony

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a analisar a possibilidade de a China abrir o quinto ciclo sistêmico de acumulação, considerando o crescimento do país no cenário internacional e o possível enfraquecimento dos Estados Unidos. Nesse sentido, torna-se fundamental abordar um referencial teórico que busque compreender o

funcionamento do mundo através do acúmulo de capital numa perspectiva cíclica.

Para isto, na primeira parte, este trabalho terá como base teórica as contribuições de Fernand Braudel e Immanuel Wallerstein, fundamentando a teoria de Giovanni Arrighi sobre a expansão da economia capitalista por meio de ciclos, no qual as nações disputam a supremacia e o poder promovendo mudanças econômicas e políticas no mundo moderno. “Cada ‘centro de poder’ para se manterem competitivos, produzem novos territórios de acumulação, assim, o capitalismo como um sistema se expande” (EITERER, 2016. p. 11).

As contribuições de Fernand Braudel e sua perspectiva de longa duração, são de grande importância para se pensar na história da China e seu crescimento. Isso porque, a ascensão ou a decadência de uma grande potência é um fenômeno de longa duração, pois necessitam de elementos materiais que se acumulam e amadurecem e/ou perecem ao longo do tempo (PIRES; MATTOS, 2016).

Em segundo lugar, o conceito de Sistema Mundo, de Immanuel Wallerstein, merece atenção no entendimento da sucessão das hegemonias, pois traz uma representação de uma estrutura que se movimenta a partir de relações entre centro e periferia, gerando assim, o ciclo sistêmico de acumulação.

Por fim, torna-se necessário envolver a teoria do Ciclo Sistêmico de Acumulação (CSA), de Giovanni Arrighi, no sentido de explicar, por meio de ciclos, o interior e o movimento desse sistema mundo. A ordem é estabelecida por um Estado-nação hegemônico que propicia ao sistema, ciclos de acumulações por vias materiais (EITERER, 2016) levando assim, à abertura de um ciclo hegemônico. Após essa ascensão, a hegemonia vai enfrentar uma crise (caos sistêmico) que levará ao declínio do ciclo, possibilitando o surgimento de um novo. Nessa perspectiva, tendo como base o atual ciclo norte-americano, há indícios do enfraquecimento deste ciclo, resultando na transferência de poder para a China.

Na segunda parte deste trabalho, analisar-se-á a história da China por meio da era Mao Tse-Tung e Deng Xiaoping com destaque para os anos 2000 com o surgimento da China como o centro de expansão econômica e comercial mais dinâmico do mundo (ARRIGHI, 2008), resultando em grandes impactos para os países vizinhos e a conjuntura internacional. Além disso, por meio de dados quantitativos serão apresentadas informações que consolidem a China na categoria de ascensão global, condicionando-a ao patamar de potência hegemônica.

Nesse sentido, é útil desenvolver o caos sistêmico e, portanto, o possível

declínio estadunidense, resultando na hegemonia chinesa.

Diante do cenário atual de um crescimento significativo da China, que tem conquistado grande espaço no sistema internacional, é de grande relevância analisar esse ator que, sem dúvidas, chama atenção. Portanto, por meio deste trabalho, pretende-se levantar elementos para fomentar o debate a respeito da problemática da abertura do quinto ciclo sistêmico, considerando o histórico de evolução da China e, os impactos na comunidade internacional.

2 OS CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO

A teoria dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação foi desenvolvida pelo economista e sociólogo, Giovanni Arrighi, para analisar o desenvolvimento do capitalismo por meio de ciclos com características econômicas e políticas presentes em um Estado hegemônico bem como no seu declínio. Segundo Arrighi:

Serão identificados quatro ciclos sistêmicos de acumulação, cada qual caracterizado por uma unidade fundamental do agente e estrutura primários dos processos de acumulação do capital em escala mundial: um ciclo genovês, do século XV ao início do XVII; um ciclo holandês, do fim do século XVI até decorrida a maior parte do século XVIII; um ciclo britânico, da segunda metade do século XVIII até início do século XX; e um ciclo norte-americano, iniciado no fim do século XIX e que prossegue na atual fase de expansão financeira. Como se vê por essa periodização aproximada e preliminar, os ciclos sistêmicos consecutivos de acumulação se superpõem e, embora, adquiram uma duração progressivamente mais curta, todas duram mais de um século: daí a ideia de “século longo”, que será tomada como unidade temporal básica na análise dos processos mundiais de acumulação de capital. (ARRIGHI, 2012. p. 6).

Compreende-se que, em sua análise, Arrighi parte do pressuposto teórico da perspectiva de longa duração e do sistema-mundo. Diante disto, ao empregar o termo século longo correspondente a duração de aproximadamente 100 anos para cada ciclo, ele abarca a perspectiva de Fernand Braudel, que aborda a duração dos fenômenos históricos. Braudel abrange o tempo, o espaço e o seu contexto, contribuindo na compreensão de elementos históricos em vários tempos, ou seja, há

no tempo do mundo conjunturas mais lentas do que outras e fases de longa e muito longa duração (BRAUDEL, 1996). Nesse sentido, a perspectiva de longa duração antecede Arrighi na mesma linha da abordagem sistêmica por meio do entendimento de vários ciclos ao longo da história.

Nessa mesma ótica sistêmica e de longa duração, antecedendo Arrighi, Immanuel Wallerstein busca analisar o deslocamento de hegemonias numa visão capitalista dentro do sistema-mundo, considerando essas transformações numa escala espaço-temporal. O sistema-mundo, portanto, vai ser uma representação sistematizada para entender o mundo. Segundo Wallerstein:

O que lhe parece metodologicamente essencial na análise de qualquer sistema social histórico (e a economia-mundo capitalista é um sistema social histórico) é distinguir cuidadosamente entre, por um lado, os ritmos cíclicos que definem o seu caráter sistêmico e que lhes permitem manter um certo equilíbrio, pelo menos ao longo da duração do sistema, e, por outro lado, as tendências seculares que crescem a partir desses ritmos cíclicos, definindo o seu caráter histórico, e que significam que, mais cedo ou mais tarde, um dado sistema já não conseguirá conter suas contradições internas; portanto, este sistema entrará em uma crise sistêmica (WALLERSTEIN, 2004, p. 232).

Portanto, no interior desse sistema há ciclos de acumulação de capital que são disputados entre Estados. Nele há ordem e caos e estas mudanças são enunciadas por crises que definem a abertura e/ou o encerramento de cada ciclo.

Dessa maneira, Braudel e Wallerstein antecedem Arrighi contribuindo na mesma perspectiva cíclica. Ao observar a visão braudeliiana, cabe refletir a história da China para entender o espaço e o contexto que levou a ascensão econômica do país, bem como analisar os elementos que desencadearam a saturação do ciclo norte-americano abrindo espaço para um novo ciclo sistêmico, o chinês.

De acordo com a teoria de Arrighi (2012) os ciclos sistêmicos de acumulação são definidos como compostos de uma fase de expansão material seguida por uma fase de expansão financeira. O que se tem como o traço mais importante em todas as fases de encerramento dos ciclos sistêmicos de acumulação é uma súbita intensificação da concorrência intercapitalista, o que é entendido por caos sistêmico. Arrighi (2012) vai olhar para um padrão de acumulação material, hegemonia cultural e competição sistêmica, que é tratado em quatro ciclos, que serão descritos

detalhadamente nos próximos tópicos, juntamente com a possibilidade de um quinto ciclo, o Chinês.

Ao analisar, historicamente, os Ciclos Sistêmicos de Acumulação, se tem como ponto de partida para o início do desenvolvimento do capitalismo como sistema mundial, a expansão financeira que deslança no fim da expansão comercial do século XIII e início do século XIV. Como mostrou Janet Abu-Lughod (1989), essa expansão do comércio abrangeu alguns locais seletos (cidades, em sua maioria) de toda a Eurásia e partes da África.

Antes, é necessário, para a compreensão do modelo arrighiano, abordar os processos históricos do ciclo sistêmico de acumulação.

2.1 O CICLO GENOVÊS

Explicitado por Arrighi (2012), as cidades-Estados ao norte da atual Itália – Veneza, Gênova, Florença e Milão - empenharam-se na manufatura e no comércio terrestre com o noroeste da Europa. Porém, enquanto Florença se especializou no comércio de produtos têxteis, Milão especializou-se no de metais. Veneza e Gênova especializaram-se no comércio marítimo com o Oriente, mas, enquanto Veneza especializou-se nos negócios com o circuito sul-asiático, baseados no comércio de especiarias, Gênova especializou-se em negócios, a fim de substituir as rotas perdidas pela competição interestatal e a proteção dada pela aristocracia rural. Gênova encontrou nos emergentes governos territorialistas, Portugal e Espanha, os aliados adequados (ARRIGHI, 2012). Essa diferenciação estrutural entre o desenvolvimento das cidades-Estados não serviu apenas para impedir que suas respectivas expansões comerciais atrapalhasse o caminho umas das outras, mais importante, ela criou sólidos laços de complementaridade entre os negócios das cidades-Estados, tornando o sucesso de cada centro dependente do sucesso dos demais.

Enquanto campeava a Guerra dos Cem Anos italiana, uma cidade-Estado após outra enfrentou crises tributárias cada vez mais graves, que se devia primordialmente às despesas com os gastos militares e com os juros crescentes da dívida pública, entretanto, eles não se igualavam ao poder espanhol, mas em conjunto não poderiam ser subordinados. A Espanha, com o papado e a Casa Imperial de Habsburgo na tentativa de subordinar e finalizar esses novos tipos de poder, fracassou, causando o

início de um caos sistêmico, onde a Holanda acaba por desenvolver habilidades, como navegação, evasão fiscal e pilhagem.

O abastecimento de cereais e suprimentos navais advindos do mar báltico, controlado pela Holanda, se fizeram essenciais durante a Guerra dos trinta anos. As rotas do mediterrâneo estavam obstruídas pela guerra (ARRIGHI, 2012).

Portanto, nesse ciclo como traz Arrighi (2012), o caos sistêmico genovês se dá como em sua teoria, onde há uma súbita intensificação da concorrência, no caso a Holanda, que domina o mercado através de suas novas habilidades navais e de evasão fiscal, detendo o abastecimento na Guerra dos trinta anos, além das circunstâncias da Guerra dos Cem Anos italiana, tais como dificuldades tributárias e as crises no sistema econômico das cidades, que deu as condições certas para a abertura do ciclo holandês.

2.2 O CICLO HOLANDÊS

Com base em Arrighi (2012), tal como a expansão financeira do fim do século XIV e início do XV foi o berço do ciclo genovês, a expansão financeira do fim do século XVI e início do XVII foi o nascedouro do ciclo holandês. Segundo o autor, em 1566, tropas espanholas foram enviadas para ocupar os Países Baixos, basicamente, para impor a tributação, essa medida teve um efeito adverso. Os rebeldes holandeses foram ao mar e desenvolveram habilidades extraordinárias, não só na evasão fiscal, mas em impor às finanças da Espanha Imperial, por meio da pirataria e da pilhagem. Ao longo dessas lutas, a fonte primordial da riqueza e poder holandeses foi o controle do abastecimento de cereais e suprimentos navais vindos do Báltico. Esses suprimentos haviam se tomado absolutamente essenciais para a condução da guerra terrestre e marítima na Europa, em função do esgotamento dos suprimentos concorrentes vindos do Mediterrâneo na primeira metade do século XVI.

Quanto mais os holandeses lograram deter o poderio ibérico e arrastar outras nações para o conflito, Arrighi (2012) cita que, mais lucravam com o controle do comércio com o Báltico. Suplementados pelo arrocho fiscal invertido imposto à Espanha, esses lucros foram a fonte primária e original do embaraço da riqueza que caracterizou o capitalismo holandês desde o começo. Arrighi (2012) também mostra que como as cidades-Estados ao norte da atual Itália, a Holanda aplicou seu capital excedente na guerra com a Espanha, e em arte, em produtos culturais. Isso se baseou

num relacionamento interno de intercâmbio político que tornou o capitalismo holandês autossuficiente nas atividades bélicas e de Estado, e que combinou a consolidação regional com a expansão mundial do comércio e finanças holandeses.

Entretanto, ao século XVIII, Arrighi (2021) mostra que Londres começou a ganhar terreno em relação a Amsterdam como centro rival de altas finanças. Isso resultou dos sucessos britânicos na luta com a França e com concorrentes menores pelo controle exclusivo do comércio com o mundo extra europeu, bem como da transferência do excedente de capital holandês para empresas britânicas. A retaliação da Grã-Bretanha contra os holandeses, depois da Guerra da Independência norte-americana, aniquilou o poderio marítimo holandês e infligiu perdas significativas a seu império comercial nas Índias orientais.

No comércio marítimo e no poderio naval, a Grã-Bretanha conquistou a supremacia por ter sido favorecida, como Veneza, por dois fatores interligados: sua situação insular e o novo papel que assumiu, como intermediária entre dois mundos. Diversamente das nações continentais, a Grã-Bretanha pôde voltar toda a sua força para o mar; ao contrário de seus concorrentes holandeses, não teve que guarnecer uma frente terrestre. (ARRIGHI, 2012, p. 51)

Em consequência, uma das crises reiteradas que vinham minando o mercado financeiro de Amsterdam desde o início da década de 1760 roubou a posição central na economia mundial europeia.

Como nos mostra Arrighi (2012), o Caos sistêmico do ciclo holandês se dá a partir do momento em que no comércio e no poderio naval a Grã-Bretanha dominou, e ao contrário do seu concorrente não precisou de uma frente de guerra terrestre, portanto, apenas pelo mar derrotou a Holanda e abre o ciclo Britânico.

2.3 O CICLO BRITÂNICO

Já no ciclo britânico, de acordo com Arrighi (2012), o investimento não se dava apenas na expansão dos caminhos do comércio, mas no fortalecimento dos poderes político e financeiro da Inglaterra, na produção maciça de bens manufaturados e na imposição desses produtos frente os demais países, inicialmente europeus. Tal imposição era reforçada pelo grande poder imperial inglês, conquistado graças a uma

série de fatores que propiciaram à Inglaterra certas vantagens em relação às cidades italianas e às Províncias Unidas.

Como citou Arrighi (2012) imperialismo de livre-comércio, estabeleceu o princípio de que as leis que vigoravam dentro e entre as nações estavam sujeitas a uma nova autoridade, um mercado internacional, supostamente dotado de poderes sobrenaturais maiores do que tudo o que o papa e o imperador jamais houvessem controlado no sistema de governo medieval. Ao apresentar sua supremacia mundial como a encarnação dessa nova autoridade, o Reino Unido logrou ampliar seu poder no sistema interestatal muito além do que já possuía.

Arrighi (2012) mostra que isso proporcionou com que os outros Estados europeus, envolvidos em conflitos territoriais, deixassem margem para a expansão marítima inglesa. Tal expansão se deu de maneira relativamente rápida, em virtude de o processo expansionista ter-se iniciado anteriormente, pelas já citadas potências comerciais italiana e holandesa.

Nesse contexto de conflitos entre os demais estados europeus, voltou a tomar força o fenômeno, já definido anteriormente, conhecido como caos sistêmico, marcado por guerras internas, pesados impostos, insatisfação popular, confluindo para uma ameaça de queda dos governantes estatais. Tal processo se intensifica não apenas na Europa, mas também nas colônias, marcadamente nos EUA, levando-os ao seu precoce processo de independência, que mais tarde influenciará os processos de emancipação de outras colônias, bem como contribuirá para a ascensão desse país como potência global. Diante desse caos, fazia-se necessário um novo padrão de governança interestatal, que nesse momento somente a Inglaterra poderia fornecer. Mesmo com a independência estadunidense, a Inglaterra continuava lucrando enormemente com os impostos cobrados da ex-colônia, bem como das demais, além dos lucros com as vendas de mercadorias manufaturadas, já que era praticamente a única fornecedora mundial. Isso tornava Londres, a potência que dominou os mercados mundiais.

Como mostra Arrighi (2012), nas fases de encerramento de todos os ciclos sistêmicos de acumulação anteriores, as nações iniciaram uma competição acirrada pelo capital circulante que fora retirado do comércio e começava a se tornar disponível sob a forma de crédito. Longe de superar o capitalismo inglês de mercado, o capitalismo alemão de corporações foi um pequeno fracasso econômico e um colossal fracasso político e social. Não obstante, seu desenvolvimento teve como

efeito precipitar a crise terminal do ciclo de acumulação britânico, incluindo também a independência dos Estados Unidos que acaba dando início à transição para o ciclo norte-americano.

2.4 O CICLO NORTE-AMERICANO

O processo de independência dos EUA, ocorrido no ano de 1776, como trouxe Arrighi (2012), foi o fato inicial que contribuiu para a ascensão desse país como potência hegemônica mundial. Imediatamente após a independência, o país realizou um grande esforço para a expansão do mercado interno, por meio do estímulo à migração, que comporia tanto os produtores de bens agrícolas e industriais quanto os consumidores desses bens, todos engajados na exploração do novo território. Havia, portanto, uma lógica territorialista agindo em conjunto com uma capitalista, no sentido de conformar um território grande e dinâmico, com agentes empreendedores e consumidores ao mesmo tempo.

Como o Reino Unido, no início do século XIX, os Estados Unidos tornam-se hegemônicos, e conduziram, após a Segunda Guerra Mundial, o sistema interestatal a reestruturação das normas e regras do Sistema de Vestfália.

De acordo com Arrighi (2012) em comparação com o imperialismo de livre-comércio, as instituições da hegemonia norte-americana reduziam consideravelmente os direitos e poderes de as nações soberanas organizarem relações com outros Estados. Na visão original de Franklin Roosevelt sobre o mundo do pós-guerra, essas restrições equivaleram a nada menos que uma completa superação da própria ideia de soberania do Estado.

A Organização das Nações Unidas teria este objetivo, entretanto, a visão de Roosevelt é reduzida para um projeto político mais realista, o qual denominou-se de Doutrina Truman. Arrighi (2012) nos mostra que o idealismo revolucionário de Roosevelt, que via na institucionalização da ideia de um governo mundial que exportaria o New-deal dos Estados Unidos para o mundo todo, foi afastado pelo realismo de seus sucessores, que institucionalizaram o controle norte-americano do dinheiro mundial e do poderio militar global como o instrumento primário da hegemonia dos Estados Unidos.

As organizações criadas pelo tratado de Bretton Woods, o Fundo Monetário Internacional, e o Banco Mundial, somados à ONU, tornaram-se os instrumentos que

garantiram aos Estados Unidos o controle do equilíbrio de poder mundial.

Entretanto, Arrighi (2012) mostra que no ano de 1970 tem-se a crise inicial da hegemonia norte-americana com mudanças estruturais no capitalismo mundial, a chegada do neoliberalismo e da acumulação flexível, já no sistema interestatal as grandes empresas transnacionais buscam novos espaços, onde a classe trabalhadora recebesse baixa remuneração e onde as legislações ambientais seriam menos restritivas. A economia mundial passou a um estágio de instabilidade crônica, ocorrendo sucessivas crises de 1990 a 2007.

Portanto, com a ascensão de blocos econômicos e a consolidação da Ásia, que se baseou em investimentos para forças produtivas, sobretudo o desenvolvimento da China, compreende-se que temos o segundo elemento do caos sistêmico: ascensão de novos centros de acumulação e poder. Por conta disso, julga-se importante trazer à baila o caos sistêmicos dos Estados Unidos, colocando em questionamento o declínio do ciclo.

2.4.1 Caos sistêmico

Como mostrou Arrighi (2012), principalmente com o Plano Marshall, os Estados Unidos passaram a imagem de que seu ciclo de hegemonia apenas se renova, o plano teve como um de seus objetivos principais garantir apoio dos países da Europa Ocidental ao lado estadunidense, evitando assim o avanço da União Soviética sobre o Ocidente. Entretanto, Arrighi (2012) também cita que, em 1970 com a crise do petróleo, que foi descoberto não ser um recurso renovável, em apenas cinco meses, entre outubro de 1973 e março de 1974, o preço do petróleo aumentou 400%, causando reflexos poderosos nos Estados Unidos e na Europa e desestabilizando a economia por todo o mundo, momento o qual autores questionaram se esse poderia ser o caos sistêmico dos Estados Unidos.

Entretanto, com o passar dos anos essa teoria vem apenas se reforçando com um momento de crise muito recente. Arrighi (2012) mostra que em 2008, movimentos especulativos de escala global fizeram com que o preço do produto subisse 100% entre os seis primeiros meses do ano, batendo recorde histórico.

Além de Arrighi, Wallerstein também traz contribuições a respeito do declínio estadunidense. Para ele, este declínio começou com a guerra do Vietnã, que resultou uma grande perda para os Estados Unidos, não somente na área militar, mas também

no econômico. Seguiu para a crise financeira de 2008 e a evidência mais recente da queda de poder norte-americano, foi o ataque às torres gêmeas em 2001, desencadeando a guerra ao terror, que serviu para enfraquecer mais ainda a posição hegemônica dos Estados Unidos (WALLERSTEIN, 2004).

Ao comparar o ciclo norte-americano com os ciclos anteriores, pode-se relacionar a queda do ciclo genovês a partir do momento em que as cidades entram em crise econômica, similar a quebra da bolsa e as crises que os Estados Unidos enfrentaram e que marcaram um possível declínio em seu ciclo. Já referente ao caos sistêmico do ciclo holandês, pode-se relacionar o fato do centro econômico ser transferido à Grã-bretanha, e a ascensão da Inglaterra, ao atual embate de Estados Unidos e China, na qual esta vem ascendendo, e liderando a economia mundial. Portanto, a concorrência capitalista condiciona o caos sistêmico de cada ciclo, podendo ser observado com a atual concorrência de capital entre Estados Unidos e a China.

Como trouxe Arrighi (2012), a transferência de poder do ocidente para o oriente, que já vinha se dando ao longo dos anos pela comercialização de produtos e commodities, além da ascensão chinesa, com diversos produtos utilizados cada vez mais no dia a dia de diversos países, fica claro a grande relevância do Estado para o comércio mundial, aparecendo como uma possível hegemonia no sistema internacional. Contudo, Arrighi (2012) cita que nos ciclos anteriores, os caos sistêmicos partiam da ideia da fusão do poder financeiro e militar, controlados pela hegemonia ascendente, entretanto, acontece uma segregação desses poderes, onde o financeiro está migrando para a Ásia e o militar permanece na América do Norte.

Dito isso, trazemos nossa atenção para a Ásia, onde a China que até então se encontrava em meio a crises, mas a partir do fim da década de 1990, segundo Kissinger (2011), passou por um período espantoso de crescimento econômico, atingindo taxas superiores a 7% ao ano, a renda média passa de aproximadamente três vezes o que tinha sido em 1978 e em áreas urbanas cresceu cerca de cinco vezes. Além disso, em sua obra, Arrighi (2008) também destaca que, durante as décadas de 70 e 80, o leste asiático, em especial a China, ascendeu a uma condição de centro de dinamismo dos processos de acumulação de capital em escala mundial.

Portanto, considerando a posição no qual tem exercido atualmente, a próxima sessão investigará o histórico da China compreendendo o processo que a fez chegar no atual patamar internacional.

3 CHINA

A China era internacionalmente reconhecida como um país pobre, e considerado atrasado em todos os aspectos, isso podia-se dizer em 1950, um país em que hoje pode ter sua economia como referência, já que hoje em dia a China tem destaque neste cenário (FERRERAS, 2009).

Seu território permanece inalterado em dois mil anos, diferentemente dos outros continentes. O país apresenta o curso natural das coisas maior parte capital é dirigida, em primeiro lugar, para a agricultura, depois para a manufatura para, por último, ir ao comércio exterior (FERRERAS, 2009). Um país localizado na Ásia Oriental, considerado uma das civilizações mais antigas do mundo, o país também é reconhecido como uma das maiores economias do mundo, sendo atualmente um dos países mais industrializados, o qual possui também forte influência no cenário da economia mundial.

Trinta anos atrás, a China começou a crescer de uma forma muito grande quando houve a reforma iniciada por Deng Xiaoping em 1978.

Após este processo, a China obteve vários ganhos tanto economicamente quanto no cenário internacional, onde a mesma passa a ganhar mais visibilidade e importância na exportação, onde deu o seu maior impulso (VIEIRA, 2020).

Após todo esse processo que foi citado acima, a China vem aumentando o número de exportações a cada ano e se tornando exemplo no cenário internacional e se destacando cada vez mais, com novas estratégias e governo, fazendo com o que o PIB se eleve cada vez mais por ano, e que até então hoje em dia obtém um dos melhores resultados, o qual obteve um resultado dentre 1975 até 2008, falando em exportação e economia do país, e deram um salto muito alto rendendo bilhões somente em exportações (VIEIRA, 2020).

Antes de abordar mais a fundo a era Xiaoping, como o período fundamental para o crescimento chinês, é necessário compreender a era anterior, que já apresentava indícios dessa mudança na China.

3.1 ERA MAO TSE-TUNG

Considerado como um dos maiores líderes da história chinesa, Mao Tse-Tung (1893) tinha uma doutrina comunista. Em sua liderança, implementou ideias comunistas na China. Mao Tse-Tung conduzia a China com uma forte influência e também com garra, onde um dos seus primeiros passos foi conduzir a sociedade chinesa. A importância de Mao Tse -Tung, deu início a uma doutrina chamada Maoísmo, esta tinha como fundamento o pensamento comunista. A sua liderança causou grande impacto na sociedade chinesa, como por exemplo, os investimentos que ele fez na educação e saúde, já pode demonstrar o que seria feito de mudança na China, mesmo a China sendo bem populosa nessa época. Nessa era, além da reforma anteriormente citada, houve também a reforma agrária, em que o estado passava a controlar o meio de produção no meio rural, mais especificamente falando, as terras. Dessa forma o *boom* da produção agrícola se deram a partir do legado de Mao, que além disso,

Os maiores avanços da China na renda per capita ocorreram a partir de 1980. Mas o maior avanço na expectativa de vida adulta e, em menor grau, na alfabetização de adultos, ou seja, no bem-estar básico ocorreu antes de 1980. Esse padrão é um bom sustentáculo para a afirmativa de que o sucesso econômico da China se baseou as conquistas sociais extraordinárias da época de Mao (ARRIGHI, 2008. p. 375).

Mao Tse-Tung tentou promover em seus planos uma ação onde a sociedade poderia ser mais igualitária e mais desenvolvida, porém este plano passou a não dar certo, onde então Mao passa a ser mais arbitrário e mais rigoroso, causando então, uma certa revolta nos chineses. Até que então os chineses passaram a tentar tirar Tung do poder, foi aí então que conseguiram tirá-lo. Mas, Mao Tse-Tung irá voltar ao poder logo mais e então aplicar a revolução cultural chinesa onde o que era mais rigoroso passa a ser mais e tinha como objetivo, acabar com aqueles que não eram a favor do sistema o quais foram aplicados. Mas, no ano em que morreu (1976) vai começar então na china novas disputas para entrar no poder, já que o grande líder havia falecido, então vai dar início na era Xiaoping. (MILARÉ; DIEGUES, 2012).

3.2 ERA XIAOPING

A Era Deng Xiaoping vai ter início após a morte do Mao Tse-Tung, onde a China passou a rever todos os planos, e começou a modificar o que era do governo anterior e onde Xiaoping vence a disputa em 1982 e assume o governo chinês.

Segundo Milaré e Diegues (2012), Xiaoping não pensava em uma China tão fechada como era antes, e ele passou a perceber que teria que haver um processo de globalização, pois era necessário para qualquer país no mundo. Xiaoping começa colocar seus planos em ação, e um dos primeiros passos foi acabar com a aquela ideia a qual citamos na era Mao, a ideia de propriedade do estado, que mesmo acabando com essa ideia, o comunismo continuava, porque todas as terras continuavam pertencendo ao estado, mas existia uma diferença que era a bonificação para quem produzisse mais, ou seja quanto mais produção na agricultura maior o bônus que esse agricultor irá ganhar, estimulando maior produção. (MILARÉ; DIEGUES, 2012).

Xiaoping, atuando nas indústrias, passou a modernizá-las, e assim passou a atrair empresas, ou seja, mais empresas eram fundadas na China, já que as leis ambientais não eram tão rigorosas e a mão-de-obra era barata. Ele passou também, a investir em universidades, centros de pesquisas, que acabou desenvolvendo mais suas tecnologias e um sistema de defesa, onde foi modernizado este sistema, em que havia um exército grande e que conseguiram desenvolver esses projetos. (MILARÉ; DIEGUES, 2012).

A abertura econômica vai ser muito importante para este processo, onde a ideia de Xiaoping, de implantar o socialismo de mercado, foi muito importante, porém essas ideias eram destrinchada de uma forma dividida, em que na política eram feitas medidas comunistas para sociedade, e na economia eram feitas medidas capitalistas que, sendo capitalista dava abertura e permissão de empresas no país, e tendo a ideia de que seria um país, porém com dois sistemas mantendo em parte as medidas comunista e em outras partes medidas capitalista.

A partir daí a China começa a se colocar no sistema internacional como um grande ator e ser visto como um centro comercial do mundo.

3.3 ASCENSÃO GLOBAL

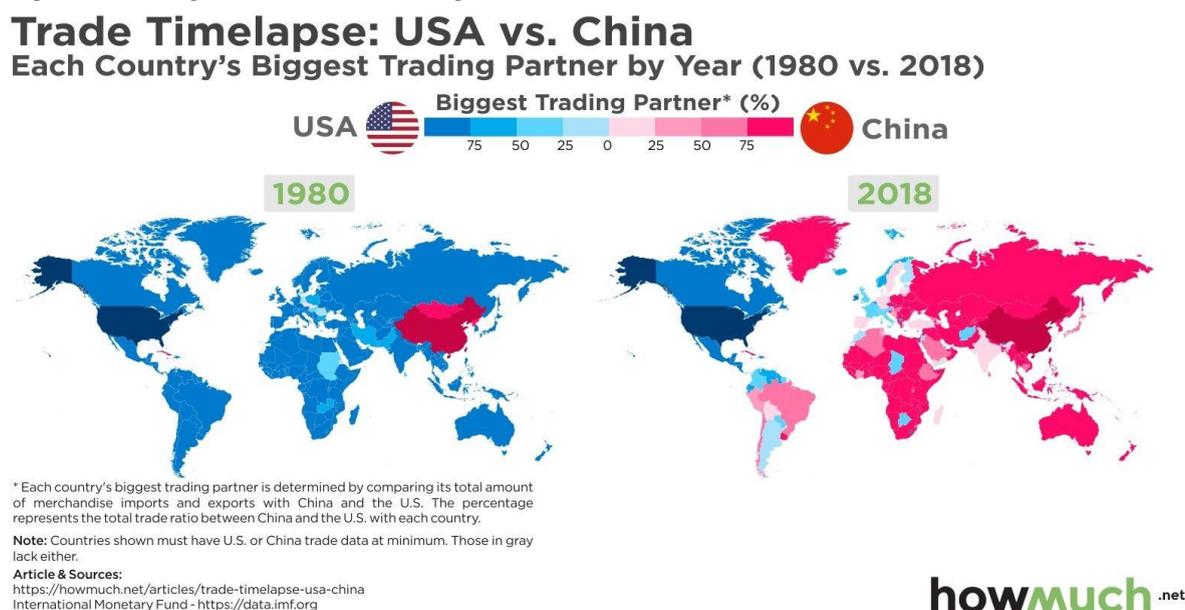
A China cada vez mais vem crescendo de uma forma rápida e acelerada, como foi destrinchado anteriormente. O país demonstra um crescimento medial ao ano, de 9% em suas economias, já que a China não produz somente manufaturas. Na década de 1990 a China tinha expandido apenas 5,4% de sua produção e comércio, que a partir desta década até hoje, pode-se somar uma evolução para 13% de seu comércio e produção aumentada. Podendo-se dizer que os imbatíveis dos norte-americanos ficaram para trás (RIBEIRO *apud* FERRERAS, 2009).

As exportações também tiveram uma grande importância em sua economia nesta época, já que fez a economia da China dar um salto muito alto e reerguer sua economia neste momento, onde chegou a representar medial a 8% das importações mundialmente falando, a deixando em terceiro lugar, já que os Estados Unidos e a Alemanha estavam em sua frente. Porém as exportações não vão ser o centro de seu resultado bom, temos que entender que o seu comércio interno deu força para que pudesse se tornar mais forte. (RIBEIRO *apud* FERRERAS, 2009).

E até hoje a China vem evoluindo e se tornando cada vez maior, com suas exportações e formas de governar, trazendo para dentro de seu país mais interesses economicamente, se tornando cada vez mais uma super potência.

Dessa forma, a China se encontra, atualmente, numa posição comercial de grande importância, se tornando o principal parceiro comercial da maioria dos países do mundo, como mostra a imagem a seguir.

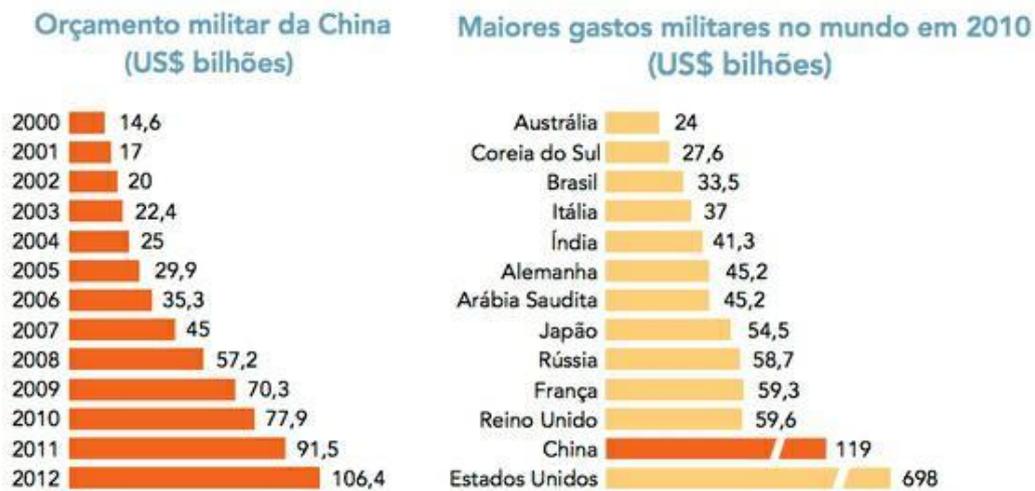
Figura 1. O maior parceiro comercial de cada país em 1980 e 2018.



Fonte: HowMuch. Disponível em: <https://howmuch.net/articles/trade-timelapse-usa-china>. Acesso em 01 de dez. de 2021.

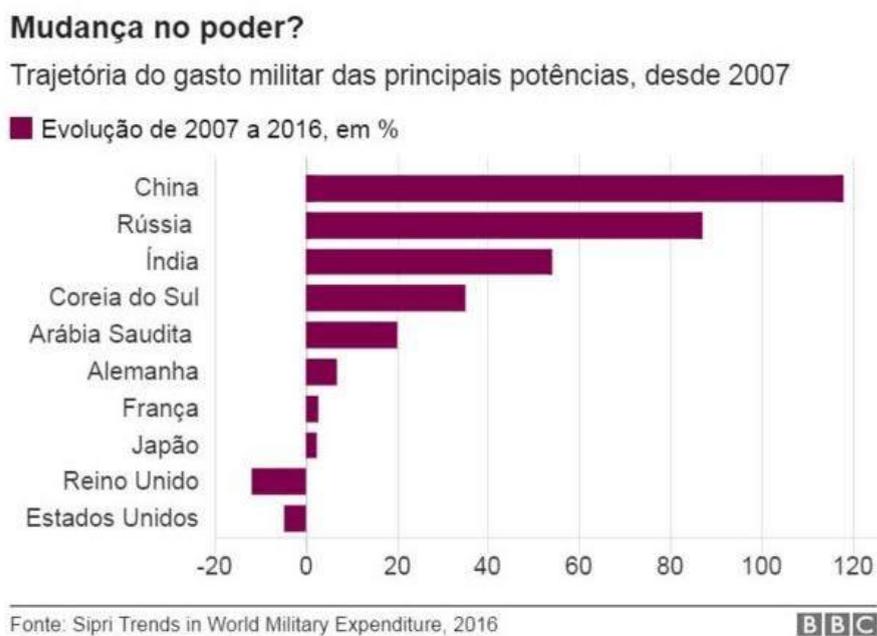
Para Arrighi (2012) há uma divisão de poderes, em que o financeiro está migrando para a Ásia e o militar permanece na América do Norte, entretanto, a China nos últimos anos, vem investindo significativamente no seu poderio bélico, como mostram os gráficos a seguir, o que levanta a possibilidade dela assumir a liderança global, reafirmando o declínio estadunidense.

Gráfico 1. Despesas militares da China.



Fonte: Globo Educação. Disponível em: <http://educacao.globo.com/provas/uerj-1-exame-de-qualificacao-2014/questoes/55.html>. Acesso em 01 de dez. de 2021.

Gráfico 2. Gastos militares em 2016

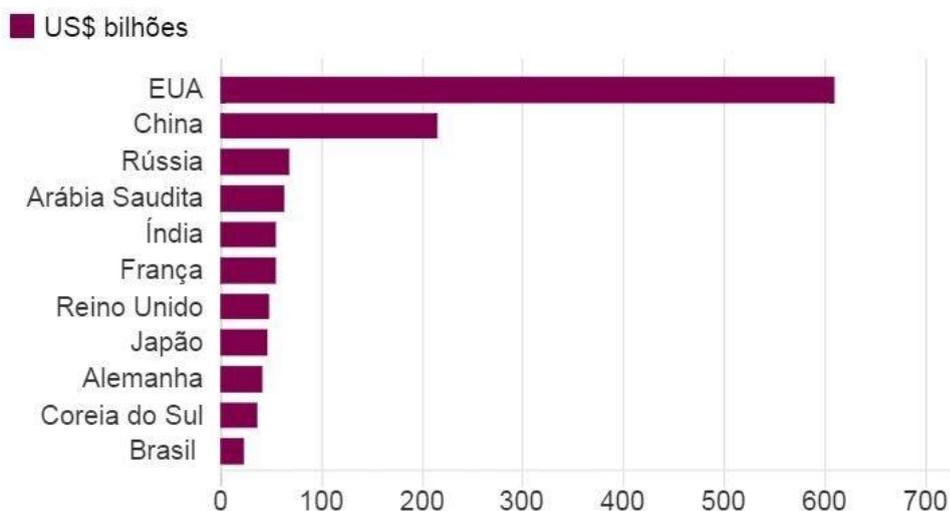


Fonte: BBC News. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.bbc.com/portuguese/internacional-43101604.amp>. Acesso em 01 de dez. de 2021.

Gráfico 3. Evolução do gasto militar das principais potências.

Gastos militares em 2016

Comparação dos orçamentos militares dos países



Fonte: Trends in World Military Expenditure, 2016, Sipri



Fonte: BBC News. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.bbc.com/portuguese/internacional-43101604.amp>. Acesso em 01 de dez. de 2021.

A China tem investido significativamente na área militar, aumentando seus gastos exponencialmente, se tornando, a partir de 2010, a segunda potência que mais gasta na área militar, como mostram os gráficos 1 e 2. Isso mostra que, realmente a China não está se tornando a hegemonia somente no caráter econômico e comercial (figura 1), mas também no aspecto bélico, alcançando a posição dos Estados Unidos e obtendo uma evolução muito alta na trajetória do seu gasto militar ao comparar com as outras potências (gráfico 3).

Assim, chega-se no ponto central do problema proposto, no qual cabe discutir a respeito da possível abertura do quinto ciclo sistêmico de acumulação por uma nova hegemonia.

4 O QUINTO CICLO

Entre 2001 e 2004 a China foi responsável pela mudança do poder geopolítico em andamento na Ásia, tendo grande destaque na esfera econômica aumentando o volume mundial de exportações (ARRIGHI, 2008). A China tornou-

se um dos principais parceiros econômicos do mundo, ofuscando cada vez mais os Estados Unidos e, desde então os questionamentos sobre a queda do atual poder estadunidense começam a surgir.

Entretanto, para alguns outros autores há problemas que dificultam na afirmação da China enquanto hegemonia, pois de acordo com Fiori (2007) quem acumular mais riqueza irá acumular também mais poder, alcançando a hegemonia. É necessário que esse *hegemon* tenha capacidade de organizar as normas e regras no sistema. Então, diante desse pressuposto e, baseado na acumulação de capital, a China, na perspectiva teórica, não se apresenta como um país capitalista, logo não teria como ser enquadrada nessa visão dos ciclos sistêmicos de acumulação. Porém, ao considerar Arrghi (2008), a investigação da ascensão da China não irá se basear no debate entre socialismo e capitalismo (como é criticado por Tavares) e, sim, através das contribuições de Adam Smith, o país irá se desenvolver baseada numa economia de mercado.

No modelo de Smith, a riqueza de um país é função da especialização das tarefas produtivas decorrente da divisão de trabalho entre as unidades produtivas, cujo grau é determinado, por sua vez, pelo tamanho do mercado [...] portanto, apesar da disseminação das trocas de mercado na busca do lucro, a natureza do desenvolvimento da China não é necessariamente capitalista (ARRIGHI, 2008, p. 39).

Fiori (2004) vai abordar que a crise dos Estados Unidos servirá para afirmar o seu poder e seu status de potência hegemônica, além disso, essas crises não significam o enfraquecimento do poder norte-americano.

Nessa mesma linha de argumentação, Maria da Conceição Tavares vai abordar que há uma retomada da hegemonia dos Estados Unidos, ameaçada na década de 1970, sendo uma estratégia política e econômica das transformações no sistema (TAVARES E FIORI, 1997)

Como ela diz, “as crises que instabilizaram a economia mundial na década de 70 foram seguidas de dois movimentos de reafirmação da hegemonia americana, no plano geoeconômico (através da diplomacia do dólar forte) e no plano geopolítico (através da diplomacia das armas), que modificaram profundamente o funcionamento e a hierarquia das relações internacionais a partir do começo da década de 1980”. Contudo, estes

dois movimentos não foram apenas uma resposta pragmática ou reativa ao desafio da crise. Foram decisões e políticas que amadureceram durante a década e se transformaram na “visão estratégica da elite financeira e militar que chegou ao governo com a vitória de Ronald Reagan, em 1980” [...] ou seja, sua tese é que a retomada da hegemonia americana e a nova “financeirização capitalista” são duas faces de um mesmo processo, resultante das políticas do próprio governo norte-americano, amadurecidas na hora em que seu poder parecia entrar em decadência. Essa estratégia é suas políticas mudaram a face econômica e política do capitalismo contemporâneo (TAVARES; FIORI *apud* FIORI, 2000, p. 211 e 212).

Porém, mesmo diante dessas perspectivas e a incerteza de qual potência abriria o próximo ciclo sistêmico (pois é um fato a ser comprovado a cada 100 anos, devido o seu caráter cíclico), ao considerar as informações apresentadas na sessão anterior, é nítido que a China é o país que tem grande capacidade de ser o próximo *hegemon*, se já não está, atualmente, ocupando essa posição na conjuntura internacional pois, vem acumulando riqueza e poder, exercendo grande influência em várias áreas e, principalmente no âmbito econômico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo se buscou relacionar o referencial teórico de Fernand Braudel e o sistema-mundo do Immanuel Wallerstein na perspectiva sistêmica dos ciclos de acumulação, envolvendo o processo histórico de cada ciclo ao longo da história e considerando a sucessão da China como o novo *hegemon* no sistema internacional. Considerando os apontamentos a respeito do rápido crescimento da China e o caos sistêmico norte-americano resulta em um deslocamento do epicentro da economia política global para a Ásia Oriental.

A China continua exercendo grande influência e destaque no mundo, principalmente no mercado internacional, se consolidando como o centro comercial mais dinâmico.

Por outro lado, os Estados Unidos sendo enfraquecido e apresentando o seu declínio a partir dos anos 70. Nesse contexto, proporcionou uma grande brecha para a ascensão da China, embora haja quem confirme a reafirmação de poder dos

Estados Unidos, justificando suas crises como estratégias políticas e econômicas.

Diante do que foi apresentado e considerando a visão da ascensão da China por uma ótica de economia de mercado e não uma economia capitalista, é nítido que a China se encontra em posição mundial bastante relevante, sendo um dos grandes e principais parceiros comerciais de quase todo o mundo e possuindo grande destaque e relevância nas decisões da agenda internacional. Portanto, a China tem grandes fatores que justificam a sua ascensão e, portanto, a próxima hegemonia do ciclo sistêmico de acumulação.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Janet L.. **Before European Hegemony: The world System A.D 1250-1350**. Oxford University Press: 1989

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Tradução de Vera Ribeiro. 8 reimp. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: Origens e Fundamentos do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008.

BRAUDEL, Fernand. **A Dinâmica do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969

EITER, André Fialho. **Espaço e Ciclo Sistêmico de Acumulação: A Dinâmica Espacial do Capitalismo Histórico**. Monografia. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, p. 107. 2016.

FERRERAS, Fernando de Cunha. **A Ascensão da China e a Crise Hegemônica dos Estados Unidos no Cenário Econômico Mundial**. Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, p. 81. 2016.

FIORI, José Luís. **Maria da Conceição Tavares e a Hegemonia Americana.** Revista Lua Nova, n 50, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452000000200011>. Acesso em 27 de set. de 2021.

KISSINGER. Henry. **Sobre a China.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MILARÉ, Luís Felipe Lopes; DIEGUES, Antônio Carlos. **Contribuições da era Mao Tse-Tung para a industrialização chinesa.** Revista econ. Contemp. V.16 n.2. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/XMSJZQkFQpbrSzFyXJ4bVxH/?lang=pt>. Acesso em 20 de set. de 2021.

PIRES, Marcos Cordeiro; MATTOS, Thais Caroline Lacerda. **Reflexões sobre a Disputa por Hegemonia entre Estados Unidos e China na Perspectiva do Capitalismo Histórico.** Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados, v.5. n.9, p. 54-90. jan./jun., 2016. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php?journal=monções>. Acesso em 20 de set. de 2021.

VIEIRA, Heris Coutinho Vieira. **A Guerra Comercial entre China e Estados Unidos.** Universidade de Brasília, 2020.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O declínio do poder americano: os Estados Unidos em um mundo caótico.** 1.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

